

Dependências morfossintáticas: a relação Verbo Auxiliar – Forma Nominal*

Morphosyntactic dependencies: the relationship
between Auxiliary Verbs – Verbs Non-Finite Forms

Marcus Vinicius da Silva Lunguinho
Universidade de Brasília

Abstract

In this paper I analyze the phenomenon by which an auxiliary verb selects the form of its complement, a *morphosyntactic dependency*. For my analysis I will adopt the claim of Minimalist Program that derivation of syntactic structures is result of manipulations of features of lexical items. With this idea I will argue that morphosyntactic dependency imposed by auxiliary verbs to their complements is a reflex of interaction of features of auxiliary verbs and features of their complements. To implement my analysis, I will propose that: (a) non-finite forms of verbs (infinitive, gerund and past participle), which occur in complement position of auxiliaries, are specified for features of Mood and Aspect and (b) auxiliary verbs select features of Aspect and Mood from their complements.

Keywords

Aspect, Auxiliary verb, Features, Mood, Morphosyntactic dependency.

Resumo

Neste artigo, eu analiso o fenômeno no qual verbos auxiliares selecionam a forma morfossintática do seu complemento. Tal fenômeno se chama *dependência morfossintática*. Para a minha análise, adotarei a idéia-chave do Programa Minimalista segundo a qual a derivação das estruturas sintáticas é o resultado de manipulações de traços dos itens lexicais. Com base nessa idéia, argumento que a dependência que os verbos auxiliares impõem aos seus complementos é o reflexo da interação dos traços dos próprios auxiliares com os traços dos seus complementos. Para implementar minha análise, proponho que: (a) as formas nominais do verbo (infinitivo, gerúndio, particípio) que servem de complementos aos auxiliares são portadoras de traços de Modo e Aspecto e (b) verbos auxiliares selecionam traços de Aspecto e Modo de seus complementos.

Palavras-chave

Aspecto, Dependência morfossintática, Modo, Traços, Verbo auxiliar.

0. INTRODUÇÃO

O objeto de estudo deste trabalho são as relações de dependência morfossintática que observamos entre os verbos auxiliares e as formas nominais que eles exigem. A questão que o norteia é: por que um verbo auxiliar sempre seleciona uma dada forma nominal (infinitivo, gerúndio ou particípio) para o verbo que imediatamente o segue?

Para responder a essa pergunta, seguirei a proposta do Programa Minimalista de considerar a derivação das expressões lingüísticas como o resultado de manipulações de traços (propriedades lingüísticas) dos itens lexicais (cf. CHOMSKY, 1995b; 2000; 2001). Argumentarei que: (a) o fenômeno da dependência morfossintática é o reflexo da interação entre traços dos verbos auxiliares e traços das formas nominais; (b) as formas nominais entram na derivação das expressões lingüísticas portando traços de Aspecto e de Modo e (c) verbos auxiliares selecionam traços de Aspecto e de Modo.

O artigo se estrutura da seguinte maneira: na Seção 1, discuto o que são dependências morfossintáticas e apresento o tipo de dependências que serão objeto deste estudo. Na Seção 2, exponho brevemente as abordagens que foram dadas a esse fenômeno no âmbito da Teoria Gerativa. Na Seção 3, apresento a análise que proponho para explicar a dependência morfossintática observada entre verbos auxiliares e formas nominais. Essa proposta considerará a dependência morfossintática como o resultado da interação entre os traços dos verbos auxiliares e os traços das formas nominais. A Seção 4 traz as considerações finais do trabalho.

1. O QUE SÃO DEPENDÊNCIAS MORFOSSINTÁTICAS?

Entre os objetos de estudo da sintaxe, elenca-se um que se refere às relações que se estabelecem entre as palavras quando juntas em uma sentença.

Essa relação em que a presença de uma palavra altera a forma morfossintática de outra se chama dependência morfossintática ou dependência sintática local. Um exemplo desse fenômeno pode ser observado a seguir:

- (1) a. Fingi [estar doente]
- b. Fingi [que estava doente]
- c. *Fingi [estava doente]
- d. *Fingi [que estar doente]

A relação de dependência morfossintática se observa no contexto do complemento oracional do verbo *fingir*. Como vemos, esse complemento pode aparecer em forma de oração não-finita (1a) ou pode aparecer em forma de oração finita (1b). O que causa a possibilidade de diferentes manifestações sintáticas para esse complemento oracional? O que está por trás dessa possibilidade de dupla manifestação é a presença/ausência do complementador (C) *que* na oração encaixada. Podemos descritivamente elaborar a seguinte formalização dos fatos:

- (2) a. [_C que] → [verbo finito]
- b. [_C ∅] → [verbo não-finito]

O que a formalização em (2) capta é justamente esse efeito que a presença/ausência do complementador *que*, na oração encaixada, tem na forma morfossintática do verbo dessa oração: sua presença faz com que esse verbo apareça em forma finita ao passo que sua ausência faz com que o verbo da oração encaixada apareça em forma não-finita. Essa descrição cobre os casos gramaticais (1a) e (1b) bem como os casos agramaticais (1c) e (1d).

O segundo conjunto de dados em que se observa o mesmo fenômeno de dependência morfossintática está relacionado à seleção que um verbo auxiliar faz da forma nominal do verbo que imediatamente o segue. Sabe-se que um verbo auxiliar dita a forma do verbo imediatamente seguinte, como pode ser visto em (3):

- (3) a. A menina *está* comendo/ *comida/ *comido/ *comer uma maçã.
- b. A menina *tinha* comido/ *comida/ *comendo/ *comer uma maçã.
- c. A menina *vai* comer/ *comido/ *comida/ *comendo uma maçã.

- d. A menina *começou a comer*/ *comido/ *comida/ *comendo uma maçã.
- e. A menina *pode comer*/ *comido/ *comida/ *comendo uma maçã.
- f. A menina *deve comer*/ *comido/ *comida/ *comendo uma maçã.
- g. A maçã *foi comida*/ *comido/ *comer/ *comendo pela menina.

Em todos os casos ilustrados, os verbos auxiliares selecionam uma forma nominal específica para o verbo que os segue: (a) *estar* seleciona gerúndio; (b) *ir*, o aspectual *começar* e os modais *poder* e *dever* selecionam infinitivo; (c) *ter* seleciona particípio passado não flexionado; (d) o auxiliar de voz passiva *ser* seleciona particípio passado flexionado. Quando essas restrições são satisfeitas, o resultado é gramatical; quando não, o resultado é agramatical. Tais restrições podem ser formalizadas como em (4):

- (4) [verbo auxiliar] → [verbo na forma nominal α]

Observamos que o valor de *a* pode ser infinitivo, gerúndio ou particípio e depende do auxiliar que aparece na sentença. Essa relação entre verbo auxiliar – forma nominal será o objeto de estudo deste artigo e para o qual tentarei propor uma explicação.

2. DEPENDÊNCIAS MORFOSSINTÁTICAS: ABORDAGENS NA TEORIA GERATIVA

2.1 As análises clássicas de *Syntactic Structures* e de *Aspects of the Theory of Syntax*

É em *Syntactic Structures* e em *Aspects of the Theory of Syntax* que vamos encontrar os primeiros trabalhos sobre a questão das dependências morfofossintáticas que se observam com os verbos auxiliares no âmbito da Teoria Gerativa. Esses trabalhos mostraram que existe uma relação íntima entre o tipo de auxiliar utilizado e a forma morfofossintática do verbo imediatamente seguinte. Esse fato empírico foi trazido para a teoria em uma regra de base na qual um constituinte denominado AUX se reescrevia como se vê a seguir (CHOMSKY, 1957, p. 39):

- (5) AUX → Tempo (Modal) (*have + en*) (*be + ing*) (*be + en*) V

Por (5), sabemos que AUX é um constituinte da oração que: (a) carrega informação acerca de Tempo, (b) traz os auxiliares modais, o *have* perfectivo, o *be* progressivo, o *be* passivo e (c) carrega o verbo principal V. Essa regra especifica que, dependendo do tipo do auxiliar, o verbo que o segue deve aparecer sob uma dada forma morfossintática como ilustrado a seguir:

(6) Tipo do auxiliar	Forma do verbo imediatamente seguinte
a. verbo modal	forma básica, nua (<i>bare</i>)
b. <i>have</i> perfectivo	particípio passado
c. <i>be</i> progressivo	gerúndio
d. <i>be</i> passivo	particípio passado

Para captar essa relação, os auxiliares e as formas nominais específicas que devem aparecer com eles são inseridos como um único constituinte: (*have + en*), (*be + ing*) e (*be + en*). Por essa regra, porém, não se consegue gerar a posição correta dos afixos na língua. A fim de garantir que os afixos se agreguem como sufixos aos verbos imediatamente seguintes, foi proposta a regra *Affix Hopping* (Pulo/Salto do Afixo) cujo papel é fazer os afixos saltarem de sua posição inicial para a posição à esquerda do verbo que imediatamente segue o auxiliar.

2.2 A dependência morfossintática como um tipo de regência

O fenômeno aqui discutido também recebeu uma análise no trabalho de Pullum & Wilson (1977). Para os autores (p. 767), o fato de um auxiliar ditar uma forma específica para o verbo seguinte deveria ser tratado como um caso de regência tal qual entendido pela Gramática Tradicional: uma dada palavra rege um constituinte em uma dada forma.

2.3 Dependência morfossintática e subcategorização

O trabalho de Baker (1981) traz uma outra maneira de encarar a dependência morfossintática. Para ele, todos os verbos apresentam, em seus respectivos verbetes lexicais, traços de subcategorização que trazem informações acerca do tipo de sintagma que os segue. No caso dos constituintes subcategorizados por verbos auxiliares, esses traços de subcategorização

especificam a forma morfossintática desse constituinte. Segundo essa análise, as grades de subcategorização dos auxiliares *have*, *be* e do modal *might* são (BAKER, 1981, p. 308):

- (7) a. *have*: < ___ V_{<en>} >
 b. *be*: < ___ V_{<ing>} >
 c. *might*: < ___ V_{<stem>} >

Por essa proposta, temos que *have* subcategoriza um complemento de natureza verbal no particípio, *be*, um complemento verbal no gerúndio e *might*, um complemento verbal na forma básica, nua (*stem*).

2.4 Auxiliares, formas nominais e Forma Fonética

Uma outra proposta para explicar o impacto que o verbo auxiliar tem na forma morfossintática do verbo imediatamente seguinte é a de Lobato (1986). Segundo a autora, a forma do verbo que segue um auxiliar é dada por meio de regras morfofonológicas da componente Forma Fonética. Essas regras são apresentadas a seguir (LOBATO, 1986, p. 330, 342):

- (8) a. V → V-DO / ter ___
 b. V → V-NDO / estar ___
 c. V → V-DO / ser ___ vi

Segundo essas regras, em Forma Fonética, o verbo que imediatamente seguir o auxiliar *ter* receberá a forma de particípio passado; o verbo que seguir *estar* receberá a forma de gerúndio e o que seguir o auxiliar *ser* da voz passiva terá a forma de particípio passado.

2.5 Dependência morfossintática e Caso

Uma outra maneira de abordar a questão do impacto do verbo auxiliar na forma do verbo seguinte é analisá-lo como o reflexo de uma relação de Caso. Nessa linha de raciocínio, auxiliares se caracterizam como atribuidores ou não de Caso ao passo que as formas nominais se caracterizam por receber ou não certo tipo de Caso. Entre os trabalhos que tratam o fenômeno da dependência morfossintática dessa maneira, citamos Fabb (1984, 1988); Jaeggli (1986);

Roberts (1987); Baker (1988); Baker, Johnson & Roberts (1989); Nunes (1994a, 1994b).

3. TRAÇOS DE MODO E ASPECTO NA COMPUTAÇÃO SINTÁTICA: UMA PROPOSTA ALTERNATIVA PARA AS QUESTÕES DE DEPENDÊNCIA MORFOSSINTÁTICA

Nesta seção, apresento uma outra maneira de abordar a dependência morfofossintática que envolve os verbos auxiliares e as formas nominais que com eles coocorrem. Tentarei derivar esse fenômeno com base em traços dos auxiliares e traços das formas nominais. A proposta que avento para explicar os padrões observados é a de que os verbos auxiliares selecionam certos traços morfofossintáticos que devem ser satisfeitos por um constituinte compatível, isto é, que porte os mesmos traços. Os traços que um auxiliar seleciona se materializam em uma forma nominal específica (infinitivo, gerúndio ou particípio).

Conforme apresentado na introdução, o sistema proposto conta com traços de dois tipos, a saber, traços de Modo e de Aspecto.

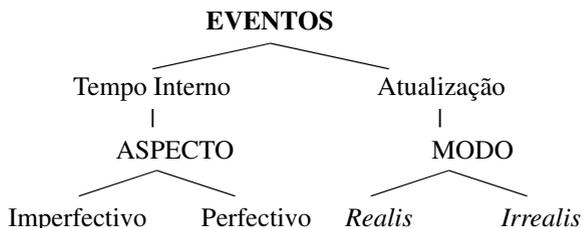
Por Aspecto entende-se a categoria por meio da qual se descreve o tempo interno de cada estado de coisas sem fazer referência à enunciação/ato de fala. As oposições aspectuais básicas são duas: (a) aspecto *imperfectivo*, por meio do qual se descreve o estado de coisas a partir de sua perspectiva interna, seu decorrer, focalizando suas diversas fases de desenvolvimento; e (b) aspecto *perfectivo*, por meio do qual se apresenta um estado de coisas completo, limitado, sem que sua duração seja relevante; em outras palavras, o estado de coisas é visto como um todo indivisível (cf. COMRIE, 1976; CHUNG & TIMBERLAKE, 1985; SMITH, 1991; TENNY & PUSTEJOVSKY, 2000; IATRIDOU, ANAGNOSTOPOULOU & IZVORSKI, 2001; COROA, 2005).

Não se deve confundir Aspecto com Tempo. Embora sejam categorias temporais, elas têm comportamento distinto. Tempo é uma categoria eminentemente dêitica, isto é, uma categoria que recorre à situação enunciativa/ato de fala para a marcação dos pontos temporais (presente = concomitante com o ato de fala; passado = anterior ao ato de fala e futuro = posterior ao ato de fala), ao passo que Aspecto não o é.

Outro traço que estou invocando para a descrição do funcionamento da dependência morfofossintática é o traço de Modo, que pode ser entendido como a maneira de atualização de evento descrito no mundo real. Há

basicamente dois modos: (a) o *realis*, que trata de um evento atualizado no mundo, portanto factual, e (b) o *irrealis*, que trata de eventos ainda não atualizados, não factuais, mas passíveis de atualização (cf. CHUNG & TIMBERLAKE, 1985; PALMER, 1986).

Sumariando, temos o seguinte quadro em que se distinguem dois planos intimamente relacionados no estudo dos eventos e de suas manifestações sintáticas, o do Aspecto e do Modo:



QUADRO I: Aspecto e Modo na descrição dos Eventos.

3.1 Traços das formas nominais

Segundo a Gramática Tradicional, há três formas nominais do verbo, a saber, infinitivo, gerúndio e particípio. Cada uma dessas formas apresenta uma marca mórfica específica que as distingue das demais formas do verbo: o infinitivo contém a vogal temática verbal (-a, -e, -i) seguida do morfema de infinitivo -r; o gerúndio se caracteriza pela presença do morfema -ndo ligado ao radical verbal e o particípio contém o morfema -do ligado a um radical verbal. Essas formas se distinguem das demais formas dos verbos devido ao fato de não apresentarem flexão de tempo. O que as caracteriza é o fato de apresentarem indicação de aspecto, indicação essa que aparece implícita ou explicitamente nas gramáticas, como se pode ver a seguir na descrição fornecida por Cunha e Cintra (2001, p. 483):

(9) Formas Nominais do Português

Infinitivo: exprime o processo verbal em potência; exprime a idéia de ação.

Gerúndio: exprime o processo verbal em curso.

Particípio: apresenta o resultado do processo verbal.

Nos estudos lingüísticos, as formas nominais são analisadas com base em seus traços constitutivos, um resgate da noção subjacente à definição que consta das Gramáticas Tradicionais.

O gerúndio é analisado por Pontes (1972) como uma forma nominal que tem o traço [+linear]; Almeida (1983) e Moutella (1995) propõem sua caracterização como uma forma portadora do traço [-concluso]; Câmara Jr (1970) o classifica como imperfeito; Lopes (2004) e Wachowicz (2003) o analisam como durativo.

O particípio foi tratado como portador do traço [-linear] por Pontes (1972); Almeida (1983) e Pires (1996) o classificam como [+concluso] e Wachowicz (2005) o classifica como perfectivo.

O estudo do infinitivo não é muito uniforme. Há trabalhos que o vêem como uma forma nominal neutra que não expressa noção alguma, por exemplo, Câmara Jr (1970), Pontes (1972), Almeida (1983) e Travaglia (1985). Outros trabalhos o vêem como uma forma que traz traços de aspecto e modo, como Castilho (1967) e Pottier (1968).

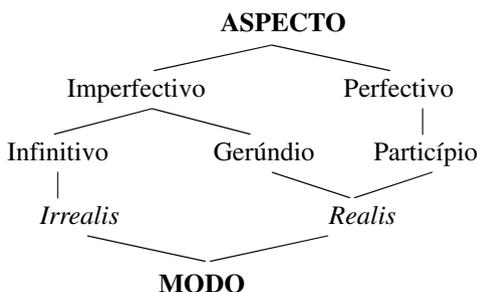
Desse quadro, é possível estabelecer alguns dados para a análise da constituição de traços dessas formas.

Primeiramente, como este trabalho se desenvolve a partir da idéia do Programa Minimalista, segundo a qual os itens lexicais são retirados do Léxico e entram na derivação com seus traços, proponho que as formas nominais sejam tratadas como portadoras de traços; logo, seguindo a perspectiva adotada aqui, não se pode aceitar que o infinitivo seja uma forma nominal neutra.

Segundo, apesar da variação terminológica existente nos trabalhos mencionados anteriormente acerca dos traços exatos do gerúndio (“apresenta o processo verbal em desenvolvimento”, “inconcluso”, “imperfeito”, “durativo”) e do particípio (“concluso”, “perfectivo”), acredito que esses trabalhos querem captar o fato de ser o gerúndio (ou o seu representante formal *-ndo*) associado a um traço aspectual *imperfeito*, e o particípio (ou o seu morfema representativo *-do*) associado a um traço *perfectivo*. Com relação ao traço aspectual do infinitivo, vou tratá-lo como uma forma *imperfeita*. Com isso, os traços de Aspecto das formas nominais estão apresentados. Falta mostrar como as formas nominais se distribuem com relação ao traço de Modo.

Segundo a minha proposta, o infinitivo apresenta um traço [*irrealis*] que, aliado ao traço imperfeito que essa forma nominal tem, capta a idéia tradicional de descrição dessa forma nominal como um “processo em potência”. O

particípio e o gerúndio tratam de eventos atualizados; logo, portam o traço [*realis*]. Com isso, minha proposta é a de que as formas nominais são formas do verbo que se distribuem em dois planos: o plano do Aspecto e o plano do Modo. O quadro a seguir resume os traços das formas nominais do português:



QUADRO II: Formas nominais do português e sua constituição de traços.

Uma vez apresentados os traços das formas nominais do português, cabe apresentar os traços que caracterizam os verbos auxiliares. É o que faço na próxima seção.

3.2 Os traços de seleção dos verbos auxiliares

Como propus, a análise dos verbos deve caracterizá-los em termos do conjunto de traços que eles selecionam, uma vez que verbos auxiliares se caracterizam por selecionar uma forma nominal específica. Corso (2002, p. 93) apresenta a seguinte propriedade que, segundo ela, é suficiente para a caracterização de um verbo como auxiliar:

- (10) Um auxiliar é um inacusativo que c-seleciona apenas um único tipo de complemento que é um XP encabeçado por um núcleo funcional que c-seleciona um VP.

Os constituintes XP da proposta de Corso podem ser encabeçados pelos núcleos funcionais Infinitivo (InfP), Gerúndio (GerP), Particípio (PartP) e Preposição (PP).

Como se vê, pela definição da autora, um traço definidor de um verbo auxiliar é a sua capacidade de ditar a forma morfossintática do verbo que com ele coocorre.

Adotando a idéia de Svenonius (1994), segundo a qual a seleção categorial ou c-seleção pode ser analisada como um tipo de checagem de traços, proponho que a dependência morfossintática seja analisada como um tipo de checagem de traços entre o verbo auxiliar e o verbo que imediatamente o segue. Quando o traço de seleção do auxiliar é compatível com os traços da forma nominal, o constituinte formado pelo auxiliar e o verbo imediatamente seguinte é gramatical; quando não há compatibilidade entre os traços dos auxiliares e o traço das formas nominais, o resultado é agramatical. Analisar os auxiliares como portadores de traços é uma maneira de explicar a seleção da forma morfossintática do seu complemento bem como é uma forma de diferenciá-los uns dos outros (cf. GUÉRON, 2004).

Para que o sistema aqui proposto possa funcionar, é necessário que os traços de seleção dos auxiliares sejam compatíveis com os traços que as formas nominais refletem. Dessa maneira, os traços que os auxiliares selecionam também são traços de Aspecto e Modo. Convém deixar claro que essa proposta segundo a qual os verbos auxiliares se constituem de traços não é nova. Pimenta Bueno (1983) já apresentou uma análise dos auxiliares *ter*, *ir* e *estar* com base em traços:

(11) **Traços dos verbos auxiliares** (PIMENTA BUENO, 1983, p. 214ss):

Ter: [+AUX, +perfectivo]

Estar: [+AUX, +durativo]

Ir: [+AUX, – perfectivo, + aberto]

Segundo essa análise, *ter* é um auxiliar cujo predicado denota uma situação completada; *estar* é um verbo auxiliar cujo predicado denota uma situação em andamento e *ir* também é um verbo auxiliar cujo predicado denota uma situação não completada, mas que pode vir a ocorrer.

A proposta que apresento neste trabalho resgata a intuição de Pimenta Bueno acerca da constituição dos auxiliares. O que minha proposta faz de original é relacionar os traços das formas nominais com os traços de seleção dos auxiliares, buscando, na combinação desses traços, a explicação para os fatos relativos à dependência morfossintática que se estabelece entre um auxiliar e o verbo imediatamente seguinte. Os traços de seleção dos auxiliares serão buscados, quando possível, em sua própria informação lexical.

3.2.1 Os verbos auxiliares aspectuais

Os verbos aspectuais ou acurativos são verbos que descrevem a estrutura temporal interna dos eventos: seu início, seu meio e seu final (cf. CASTILHO, 1967; LOBATO, 1971; LONGO, 1991; LEVIN, 1993; ROCHETTE, 1993, 1999; TER MEULEN, 1995; DUFFLEY, 1999; LONGO & CAMPOS, 2002; OLIVEIRA, 2003a; CUNHA, 2004; LACA, 2004):

- (12) a. Os alunos *começaram* a fazer a prova.
b. Os alunos *continuam* a fazer a prova.
c. Os alunos *terminaram* de fazer a prova.

Em todos os exemplos em (12), há verbos aspectuais que vão precisar algum momento temporal interno dos predicados que ocorrem sob seu escopo: *começar* precisa o momento inicial; *continuar*, o momento medial e *terminar*, o momento final.

Por denotar uma dada parte do esquema temporal interno dos predicados que com eles coocorrem, esses verbos também são denominados verbos denotadores de *Fase* (CASTILHO, 1967, 1984; DASCAL, 1982; COSTA, 1997; OLIVEIRA, 2003a; CUNHA, 2004; COROA, 2005). Fase é um conceito que está relacionado às diferentes etapas que um evento pode comportar, ou seja, as mudanças na própria existência do evento (cf. CHUNG & TIMBERLAKE, 1985; TALMY, 1985).

Há outros verbos aspectuais em português entre os quais incluem-se tanto verbos que denotam uma certa fase do esquema temporal interno (*começar*, *terminar*, *parar*, *continuar*, entre outros) quanto verbos que quantificam os eventos sob seu escopo, como *viver* e *andar*:

- (13) a. Os alunos andaram colando na prova.
b. Meus alunos vivem reclamando de minhas aulas.

Por uma questão metodológica, abordarei neste trabalho apenas os aspectuais exemplificados em (12). Tal postura é um esforço de organização dos dados para uma futura análise mais abrangente e unificada.

Começemos a análise da dependência morfossintática que esses verbos instauram quando de sua presença numa sentença:

- (14) a. O menino começou a ler/ #lendo/ *lido o livro.
b. O menino continua a ler/ lendo/ *lido o livro.
c. O menino terminou de ler/ #lendo/ *lido o livro.

Do ponto de vista da dependência morfossintática, os exemplos (14) nos mostram que esses verbos se dividem em dois grupos: (a) aspectuais cujo complemento é um sintagma preposicional cujo núcleo é a preposição *a* (*começar* e *continuar*) e (b) aspectuais cujo complemento é um sintagma preposicional cujo núcleo é a preposição *de* (*terminar*). O grupo dos verbos em (a) ainda comporta uma divisão: (a₁) aspectuais cujo complemento preposicional alterna com um gerúndio (*continuar*) e (a₂) aspectuais cujo complemento não alterna com gerúndio (*começar*).

Uma primeira proposta de análise que ficamos tentados a fazer tem relação com a preposição que introduz os infinitivos. À vista dos exemplos em (14), poderíamos argumentar dizendo que a escolha dessa preposição está relacionada à interpretação semântica do verbo aspectual: se ele denota a fase inicial ou a fase medial de um evento, a preposição escolhida é *a*; se ele denota a fase final, a preposição escolhida é *de*. Esse fato não é de todo verdadeiro, pois, se assim o fosse, não haveria justificativa alguma para explicar o porquê de, no Português Arcaico, um aspectual denotador de fase inicial como *começar* poder ocorrer em três estruturas diferentes, uma sem a preposição introdutora do infinitivo, outra com a preposição *a* e outra com a preposição *de*, conforme se vê a seguir (dados extraídos de MATTOS E SILVA, 2001, p. 68):

- (15) a. Começaron tomar hávito.
b. Começaron a louvar a esteença.
c. Começaron de morrer.

Não tenho uma análise explicativa dessa característica de verbos aspectuais no que concerne à seleção da preposição que com eles ocorre. Esse fato merece uma atenção mais detalhada, o que não poderei fazer aqui. Para tanto, deixarei de lado a seleção da preposição e concentrarei minha análise na seleção da forma nominal que ocorre como complemento dos verbos aspectuais (sobre esse assunto, ver Burzio, 1986, que analisa as preposições que ocorrem com verbos aspectuais do italiano como partes do verbo;

Rochette, 1988, que as trata como núcleos relacionados a Caso; Gonçalves, 1996 e Oliveira, Cunha, Matos & Gonçalves, 2001, que sugerem que aspectuais selecionam um sintagma complementador (CP) e que a preposição seja analisada como o núcleo C; Corso, 2002 que as analisa como uma incorporação sintática a um núcleo verbal).

Para determinar a estrutura de traços dos auxiliares aspectuais, o primeiro passo a seguir é ver que esses verbos trazem informação lexical acerca das fases internas de um evento. Como vimos anteriormente, no tocante ao Aspecto, o único tipo aspectual que permite a visualização de sua estrutura interna de fases é o aspecto imperfectivo. Esse fato deve ser levado em consideração e vou tratá-lo da seguinte maneira: verbos aspectuais trazem para a derivação das sentenças um traço de seleção [imperfectivo]. É esse traço que explica por que essa classe de auxiliares pode se combinar com infinitivo e gerúndio, que são as duas formas nominais que portam o traço [imperfectivo].

Essa proposta, porém, não explica por que *começar* e *terminar* só se combinam com um infinitivo (à parte a questão da preposição) ao passo que *continuar* se combina com infinitivo e gerúndio. Em Lunguinho (2005), apresentei uma análise que levava em consideração a diferença de tipo aspectual dos constituintes formados por [*começar a V*], [*terminar de V*] e [*continuar a V*]. Segundo essa análise, o tipo aspectual do constituinte formado por [*continuar a V*] é um estado, e estados, de alguma forma, parecem ser compatíveis com gerúndios. Já o tipo aspectual de [*começar a V*] e [*terminar de V*] não é da classe dos estados e, por esta razão, o gerúndio está excluído de ocorrer com esses verbos com a mesma interpretação semântica que o constituinte [preposição V] tem. Apenas *continuar* permite a variação sintática de seu complemento sem variação semântica.

Mais um fato pode ser trazido para tentar explicar essa diferença de comportamento entre esses verbos. Se nos centrarmos nas características de fases de cada um dos aspectuais, podemos notar que *começar* e *terminar* denotam as fronteiras inicial e final, respectivamente, de um evento ao passo que *continuar* não denota fronteira alguma, apenas o desenvolvimento do evento. O fato de *começar* e *terminar* trazerem lexicalmente essa indicação de fronteiras pode estar por trás do seu comportamento único diante da forma de seu complemento, sempre infinitivo. Já a ausência dessa indicação em *continuar* faz com que esse verbo possa alternar entre um complemento infinitivo e um complemento no gerúndio. Essas são algumas das peças que

tento reunir para começar a pensar em uma tentativa de explicação para esse fato curioso que cerca a complementação dos verbos auxiliares aspectuais do português e que merece um estudo.

3.2.2 Os auxiliares modais *poder* e *dever* e o auxiliar de futuro *ir*

Os auxiliares modais *poder* e *dever* e o auxiliar de futuro *ir* são apresentados em conjunto porque esses três auxiliares compartilham características sintáticas e semânticas que ilustro em (16):

- (16) a. Ana pode sair/ *saindo/ *saído/ *saída.
 b. Ana deve sair/ *saindo/ *saído/ *saída.
 c. Ana vai sair/ *saindo/ *saído/ *saída.

Do ponto de vista sintático, esses verbos auxiliares compartilham o fato de sempre selecionarem um infinitivo como complemento.

Do ponto de vista semântico, a interpretação das sentenças apresentadas em (16) sempre é voltada para o futuro: o evento descrito pelo verbo que serve de complemento aos auxiliares em questão sempre é visto como um evento que pode ser atualizado num momento temporal posterior à enunciação dessas sentenças (cf. KARTTUNEN, 1972; FRASER, 1975; NEVES, 1997; STOWELL, 2004). Ilustremos com a sentença em (16a), em que se apresentam alguns dos possíveis significados atribuídos a *poder*:

- (17) Ana pode sair
 ‘É possível que Ana saia’.
 ‘É permitido que Ana saia’.
 ‘Ana tem capacidade para sair’.

Por esse exemplo, entendemos que a saída de Ana é um evento que pode ocorrer em um momento posterior à enunciação da oração (17).

O fato de a interpretação semântica dessas sentenças fazer referência a um dado ponto temporal posterior ao momento da enunciação (= futuro), também traz para a sua interpretação toda a carga modal associada ao futuro. Essa carga modal se reflete no fato de as orações em (16) não necessariamente implicarem a saída de Ana. Em outras palavras, não é certo que Ana venha a

sair. Isso se deve ao fato de o futuro, além de ter características temporais, também partilhar características modais, ou seja, factualidade ou não-factualidade do evento descrito (para uma discussão acerca do estatuto do futuro também como uma categoria modal, ver LYONS, 1977 e COROA, 2005).

Os fatos descritos podem ser explicados se pensarmos que os auxiliares *poder*, *dever* e *ir* apresentam, em sua estrutura de traços, um traço de seleção modal [*irrealis*]. Esse traço seria responsável pela seleção de uma única forma nominal para seu complemento: o infinitivo, a única forma nominal que é [*irrealis*], segundo a proposta aqui desenvolvida.

3.2.3 Traços de seleção do verbo auxiliar *estar*

Proponho que o verbo auxiliar *estar* seja caracterizado pela seleção dos traços [imperfectivo] e [*realis*]. Seriam esses traços que explicariam o fato de *estar* selecionar apenas a forma de gerúndio:

- (18) a. A menina estava estudando.
b. *A menina estava estudada.
c. *A menina estava estudado.
d. *A menina estava estudar.

As incompatibilidades observadas em (18b) e (18c) seriam derivadas do fato de a seleção do traço [imperfectivo] de *estar* não estar sendo satisfeita, pois o participípio passado, segundo a análise aqui proposta, apresenta traço [perfectivo]. A seleção de traço *realis* desse verbo é satisfeita, uma vez que o participípio apresenta tal traço.

A incompatibilidade observada em (18d) deve-se ao fato de a seleção de traço [*realis*] de *estar* não ser satisfeita porque o infinitivo apresenta traço [*irrealis*].

3.2.3.1 Um possível problema: o progressivo no Português Europeu

Um aparente problema para a proposta aqui esboçada está relacionado ao fato de o progressivo no Português Europeu construir-se não com o gerúndio, mas com um sintagma preposicional, como podemos ver a seguir:

(19) A menina estava [a estudar].

Como visto, o progressivo se constrói de uma maneira diferente. Nessa construção, temos um caso em que se usa justamente uma forma nominal infinitiva que, segundo a análise aqui desenhada, não poderia aparecer, pois haveria uma incompatibilidade entre os traços de seleção de *estar* com os dessa forma nominal.

Essa construção não afeta as idéias aqui apresentadas, pois o constituinte que se segue ao verbo auxiliar *estar* não é um infinitivo, mas um sintagma preposicional [_{pp} *a cantar*]. Como então analisar essa construção sem abandonar o fato de que *estar* seleciona os traços [*realis*] e [*imperfectivo*]? A idéia que adotarei é a de que esse sintagma tem os traços que *estar* seleciona e que, por isso, é licenciada a sua fusão (*merge*) com esse auxiliar. O passo seguinte é caracterizar esse sintagma.

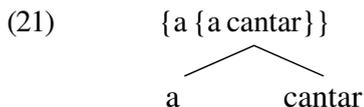
Raposo (1989), analisando a complementação dos verbos de percepção do Português Europeu, encontrou um par de sentenças que se distingue semântica e sintaticamente:

- (20) a. Eu vi os meninos [_{sp} a ler(em) o livro].
 b. Eu vi os meninos [_{sv} ler(em) o livro].

Segundo o autor, essas sentenças, do ponto de vista sintático, são diferentes, pois (20a) é um sintagma preposicional e (20b) é um sintagma verbal. Do ponto de vista semântico, (20a) tem leitura aspectual progressiva, que falta a (20b).

Com base nessas observações, pode-se dizer que a preposição tem papel importante no licenciamento do infinitivo como complemento do auxiliar *estar*: são seus traços que permitem que essa forma nominal apareça como complemento de *estar*. O sintagma preposicional fornece os traços que *estar* seleciona, a saber [*perfectivo*], [*realis*]. Como isso é possível?

A minha análise é a de que a preposição desencadeia a operação de fusão (*merge*) que vai tomar o infinitivo como complemento. Dessa operação, surge um objeto sintático [*a cantar*] cujo rótulo é a projeção dos traços do núcleo que desencadeou a operação de fusão, a saber, a preposição (CHOMSKY, 2000, 2001). O objeto sintático formado dessa operação tem uma estrutura como a esquematizada em (21), segundo a abordagem *Bare Phrase Structure* (CHOMSKY, 1995a):



A idéia de que são os traços da preposição que licenciam a ocorrência do infinitivo como complemento do auxiliar *estar* pode ser reforçada com os dados a seguir, em que é a presença da preposição que garante a interpretação progressiva de um constituinte:

- (22) a. A mãe está à procura de sua filha.
 (= A mãe está procurando a sua filha)
- b. Estamos à espera de notícias.
 (= Estamos esperando notícias)

Em (22), temos casos em que a combinação da preposição *a* com nomes deverbais (*procura* e *espera*) tem a mesma leitura aspectual progressiva que o verbo teria se estivesse no gerúndio. Essa semelhança semântica fornece evidência para a análise aqui apresentada segundo a qual é a preposição a verdadeira responsável pelo licenciamento do infinitivo em (19). Pode-se dizer que ela tem os traços que o verbo auxiliar *estar* exige: o traço de Aspecto [imperfectivo] e o traço de Modo [*realis*].

3.2.4 O auxiliar perfectivo *ter*

O auxiliar perfectivo *ter* é o auxiliar que ocorre nas construções tradicionalmente chamadas tempos compostos. Essas construções se caracterizam pela presença do auxiliar *ter* e pela presença de um verbo no particípio não flexionado:

- (23) a. Tenho lido muitos livros.
 b. Tenho lidos muitos livros.

Dessas construções, apenas (23a) é considerada tempo composto, pois nela o verbo *ter* funciona como auxiliar e não apresenta mais seu sentido original de posse. A construção (23b), embora semelhante a (23a) em vários aspectos, apresenta o verbo *ter* em seu uso como verbo pleno, com forte sentido de posse.

Uma proposta estipulativa (que obviamente precisa de mais dados para lhe dar suporte empírico) que pode ser feita é dizer que o verbo *ter* é associado a um traço de seleção [perfectivo]. Essa análise se faz a partir de um raciocínio lógico dedutivo que toma por base os traços da forma nominal que segue o verbo auxiliar *ter*: o particípio passado. Segundo a proposta aqui desenvolvida, o particípio tem os traços [realis] e [perfectivo]. Uma vez definidos os traços do particípio, definem-se os traços de *ter* que são [realis] e [perfectivo]. Esses traços vão servir para explicar o porquê de esse verbo se combinar apenas com um particípio passado e com nenhuma outra forma nominal:

(24) a. Tenho lido/ *ler/ *lendo vários livros.

3.2.5 O verbo auxiliar *ser* formador da voz passiva

A voz passiva em português se constrói com o verbo auxiliar *ser* combinado com um particípio passado que se flexiona, dependendo dos traços do sujeito (= objeto lógico, argumento interno do verbo principal):

- (25) a. O livro foi lido pelos alunos.
 b. A revista foi lida pelos alunos.
 c. *O livro foi lida pelos alunos.
 d. *A revista foi lido pelos alunos.

Para explicar o fato de que *ser* seleciona um particípio passado, proponho que esse verbo tenha um traço de seleção [perfectivo], traço esse que vai permitir a combinação desse verbo com apenas uma forma, a de particípio passado:

(26) A gravura foi cortada / *cortar / *cortando pelos alunos.

À primeira vista, pode parecer estranho imaginar que o verbo *ser* tenha, em sua estrutura de traços, um traço de seleção [perfectivo]. Pode-se apresentar evidência diacrônica que pode tornar plausível essa proposta.

No Português Arcaico, existia uma construção de tempo composto em que figurava o auxiliar *ser* cuja interpretação era de “ato consumado” (CARVALHO, 1992; RIBEIRO, 1996; MATTOS E SILVA, 1997, 2001; CARDOSO & PEREIRA, 2003) que apresento a seguir com exemplos extraídos de Mattos e Silva (1997, p. 276):

- (27) a. Nem quero de dizer leixar que de como *foi tornada* (= chegou)
 b. Foi pelo muro amparar que nom *fosse caído* (= caído)
 c. Que nunc' *apareçudo foi* (= apareceu)

Entre as características de tal construção, temos:

- a) Os verbos que aparecem nela são *chegar, tornar, falir, cair, aparecer, correr, nascer, vir, acontecer, acordar* (= concordar), *passar* (= morrer), *chamar* (= ter nome).
 b) O particípio apresenta flexão de gênero e número.

Cabe ressaltar que, nessa época, o verbo *ter*, e também *haver*, apareciam nessa construção e, devido à característica (b), essa estrutura com os verbos *ter* e *haver* era ambígua entre uma leitura de tempo composto e uma leitura de posse. Essa ambigüidade desaparece quando se perde a possibilidade de flexão do particípio passado. De modo interessante, quando a possibilidade de flexão do particípio passado se perde, o verbo *ser* começa a desaparecer dessa estrutura de tempo composto e abre lugar ao uso categórico de *ter / haver*.

Creio ter apresentado uma justificativa para a proposta de que o verbo *ser* no seu uso como auxiliar passivo seja portador de um traço de seleção [perfectivo], traço esse que ele conserva desde o Português Arcaico.

Essa proposta no tocante ao traço aspectual de *ser* não resolve, porém, uma questão: por que não há passivas com particípio passado não flexionado (como se depreende do contraste entre 28a e 28b) e por que não há construções de tempo composto com particípio passado flexionado (exemplos 28c e 28d)?

- (28) a. *A banana foi comido pelo macaco.
 b. A banana foi comida pelo macaco.
 c. *O macaco tinha comida a banana.
 d. O macaco tinha comido a banana.

Para responder a essa questão, temos antes de nos perguntar se o particípio passado que ocorre em (28b) é o mesmo que ocorre em (28d). Dizendo de outro modo: o conjunto dos traços de cada um desses particípios é o mesmo?

Para começar a responder a essa questão, basta observarmos os contrastes em (28a) e (28b). Nesses exemplos, a agramaticalidade se deve ao fato de a

passiva exigir concordância do particípio passado com o sujeito gramatical (argumento interno do verbo no particípio passado). Tal nos permite afirmar que o particípio que ocorre nas passivas porta traços- ϕ de gênero e número.

Já o particípio que ocorre nas construções de tempo composto não apresenta flexão, logo se pode afirmar que o particípio que ocorre nos tempos compostos não apresenta traços- ϕ .

Uma outra diferença entre os dois particípios tem a ver com o mapeamento sintático dos seus argumentos: todos os argumentos do particípio passado que ocorrem com o auxiliar *ter* são obrigatoriamente mapeados (exemplos 29a-d) ao passo que apenas o argumento interno do particípio passado que ocorre na passiva tem mapeamento obrigatório (exemplos 29e-g):

- (29) a. A menina tinha lido o livro.
b. #A menina tinha lido.
c. #Tinha lido o livro.
d. O livro foi lido pela menina.
e. O livro foi lido.
f. *Foi lido pela menina.

Uma segunda diferença ainda concernente ao mapeamento dos argumentos dos particípios passados leva em consideração a posição em que eles são mapeados na estrutura sintática: o argumento interno do particípio passado que ocorre com *ter* é mapeado na posição de objeto e o argumento externo desse particípio é mapeado na posição de sujeito (exemplos 30a e 30b). Já o argumento interno do particípio passado que ocorre na passiva é mapeado na posição de sujeito e o argumento externo desse particípio é mapeado como um constituinte introduzido por uma preposição (exemplos 29c-f). Os exemplos são dados em (30):

- (30) a. O menino tinha comido a maçã.
b. *A maçã tinha comido o menino.
c. A maçã foi comida pelo menino.
d. *O menino foi comido pela maçã.
e. *O menino foi comida a maçã.
f. *A maçã foi comida o menino.

Esses dois participípios diferem também em suas leituras aspectuais. Enquanto o participípio passado que ocorre no contexto da voz passiva apresenta uma leitura passiva, o participípio passado que ocorre com o auxiliar *ter* apresenta leitura ativa ou perfectiva (cf. BOECKX, 1998; CORSO, 2002).

Do exposto, pode-se concluir que os dois participípios em análise apresentam um traço aspectual [perfectivo] e um traço modal [*realis*], mas, além desses traços, esses participípios portam outros traços em sua estrutura abstrata de traços que os distinguem e que levam aos contrastes observados.

Essa resposta nos leva também a indagar se os auxiliares *ter* e *ser* selecionam apenas os traço [perfectivo]. A resposta coerente com a explicação apresentada é que esses auxiliares selecionam outros traços além do traço de aspecto. Essa análise ganha motivação quando analisamos os casos de participípios duplos. Segundo Lobato (1999), os participípios duplos, apesar de serem formas derivadas a partir do mesmo radical verbal, não são sinônimos perfeitos, envolvendo muitas vezes diferenças aspectuais, argumentais e categoriais. Ora, essa diferença pode ser tratada em termos de traços: os participípios duplos apresentam diferentes traços em sua constituição abstrata. Como argumentei, os auxiliares *ter* e *ser* selecionam outros traços além do traço de aspecto e, sendo os participípios duplos compostos de diferentes traços, é de esperar que os auxiliares em questão selecionem diferentes formas de participípios duplos. Vejamos se tal expectativa se confirma:

- (31) a. A moça tinha aceitado/ ?aceito o convite.
b. O convite foi aceito/ *aceitado pela moça.
- (32) a. A servente tinha limpado/ ?limpo o chão.
b. *O chão foi limpo/ ?limpado.
- (33) a. A mãe tinha acendido/ *aceso a lâmpada.
b. A lâmpada foi acesa/ *acendida pela mãe.
- (34) a. O ladrão tinha matado/ ?morto a vítima.
b. A vítima foi morta/ *matada pelo ladrão.
- (35) a. O segurança tinha expulsado/ ?expulso o penetra.
b. O penetra foi expulsado/ *expulsado pelo segurança.

- (36) a. O rapaz tinha ganhado/ ?ganho a corrida.
b. A corrida foi ganha/ *ganhada pelo rapaz.

Pelos dados, podemos ver que a suposição apresentada se confirma. Os participios duplos apresentam diferentes traços que são selecionados pelos auxiliares *ter* e *ser*. É o fato de esses participios terem diferentes traços em sua constituição e o fato de os diferentes auxiliares selecionarem outros traços, além do traço aspectual [perfectivo], que explicam os contrastes observados nesta seção. A questão que fica para pesquisas futuras é descobrir quais são exatamente esses traços.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tentei explicar por que um verbo auxiliar sempre seleciona uma dada forma nominal para o verbo imediatamente seguinte. Esse fenômeno de dependência morfossintática foi apresentado na Seção 1.

Na seção 2, apresentei uma breve retrospectiva das propostas de análise desse fenômeno no arcabouço teórico da Teoria Gerativa.

Na seção 3, propus uma análise desse fenômeno levando em consideração a idéia minimalista de considerar a derivação das estruturas lingüísticas como o resultado de manipulação de traços dos itens lexicais pelo Sistema Computacional. O primeiro passo da proposta foi analisar a constituição de traços das formas nominais do português. Segundo a análise apresentada, as formas nominais se distribuem em dois planos: o do Aspecto e o do Modo. No plano do Aspecto, os traços relevantes são [perfectivo] e [imperfectivo]. No plano do Modo, os traços relevantes são [*realis*] e [*irrealis*]. Com essa análise, as formas nominais do português foram descritas em termos de seus traços constitutivos, que são: infinitivo [imperfectivo], [*irrealis*]; gerúndio [imperfectivo], [*realis*] e o participio [perfectivo], [*realis*].

Para completar a proposta, são apresentados os traços dos auxiliares. Segundo a proposta de análise, os auxiliares selecionam traços do complemento que os seguem, traços esses de Aspecto e de Modo.

Com essa proposta, chego a um tratamento da dependência morfossintática que a analisa como o reflexo da interação entre os traços de seleção dos verbos auxiliares e os traços das formas nominais.

NOTAS

* Dedico este trabalho à memória da grande lingüista, mestra e amiga, professora Lucia Lobato, que muito contribuiu para minha formação e que, infelizmente, tão prematuramente nos deixou. Sinto-me um afortunado por tê-la conhecido e por ter com ela convivido bons anos de minha vida. Agradeço a Deus por tê-la encontrado e por ter seguido meu caminho sob sua orientação sempre segura, dedicada e empolgante. De tudo que passamos, ficará a lembrança daquela pessoa sempre amiga, humana e, acima de tudo, inquieta, tentando descobrir as propriedades desse dom humano que é a Faculdade da Linguagem. O trabalho que agora apresento é um recorte de um dos temas contemplados em minha dissertação de Mestrado, defendida em março de 2005. Gostaria de deixar registrado o meu agradecimento à orientadora do trabalho, professora Lucia Maria Pinheiro Lobato, por tudo, e aos membros da Comissão Examinadora da dissertação, professoras Esmeralda Negrão e Maria Luiza Coroa, pelas críticas e sugestões. Ainda gostaria de agradecer aos lingüistas que me ajudaram a melhorar as idéias da dissertação por conversas relativas à minha proposta ou pelo envio de trabalhos: Beatriz Longo, Cilene Rodrigues, Heloísa Salles, Jairo Nunes, Raquel Boff, Sofia Corso e Teresa Cristina Wachowicz. Todos os erros e inadequações são de minha inteira responsabilidade.

¹ O termo *verbos auxiliares* que aqui se emprega é tomado de empréstimo à Tradição Gramatical e designa aqueles verbos que aparecem nas locuções verbais, perífrases verbais ou nos tempos compostos. Cabe ressaltar que há, na literatura gerativista, trabalhos que mostram que os tradicionais verbos auxiliares, na realidade, exibem comportamento sintático diferenciado. Para os interessados, há o trabalho de Roberts (1993) no qual se definem duas classes de auxiliares, a saber, os auxiliares lexicais e os auxiliares funcionais; e os trabalhos de Gonçalves (1996), Corso (2002), Mioto, Figueiredo Silva e Lopes (2005), que trazem propostas de análise da estrutura sintática projetada pelos auxiliares portugueses.

² Entendo o termo *formas nominais* da mesma forma que a Gramática Tradicional o entende: são formas não-finitas dos verbos que se caracterizam por morfemas específicos: *-r* para o infinitivo, *-ndo* para o gerúndio e *-do* para o participípio passado.

³ As instâncias do verbo *ir* de que tratarei neste trabalho são aquelas em que esse verbo é analisado como auxiliar de futuro. O exemplo em questão é gramatical em português não como uma estrutura em que *ir* é interpretado como verbo auxiliar de futuro, mas como um verbo pleno de movimento. Nesse caso, temos uma estrutura de predicação secundária em que *ir* é verbo pleno de movimento e o gerúndio é

um predicado secundário. Para uma discussão dessas estruturas, ver Boff (2003), com relação ao verbo *começar*, e Wachowicz (2005) para o verbo *vir*.

⁴ Ver nota anterior.

⁵ Essa regra é a que encontramos à página 39 de *Syntactic Structures*, mas, no apêndice do mesmo livro, a regra de reescrita de AUX é modificada e o auxiliar passivo passa a não ser introduzido na oração por meio dessa regra de base, mas por meio de uma regra transformacional, a Transformação Passiva. Essa nova análise é a que vai ser adotada em 1965 na obra *Aspects of the Theory of Syntax*. Com relação aos outros membros de AUX, a análise *Aspects* mantém-se a mesma de *Syntactic Structures*.

⁶ Esta proposta é baseada em Lunguinho (2005).

⁷ Adoto aqui a proposta de Pires (1996) de considerar o morfema *-DO* como um morfema abstrato que comporta várias possibilidades de realização: *-do (dado, corrido)*, *-to (feito)* e *-o (pago, gasto)*.

⁸ Proposta semelhante pode ser encontrada em Míoto, Figueiredo Silva e Lopes (2005).

⁹ Esse exemplo é gramatical em português, mas com uma estrutura em que o gerúndio se comporta como um predicado secundário. Para mais detalhes, ver Boff (2002) sobre esse verbo aspectual em especial.

¹⁰ Ver nota anterior.

¹¹ Para tanto, adotei a proposta de Vendler (1967) segundo a qual os predicados podem ser divididos em quatro classes: processos, processos culminados, culminações e estados. Para detalhes dessa classificação, ver Vendler (1967). A esse respeito, conferir os trabalhos de Smith (1991) e Verkuyl (1993), que apresentam uma releitura da proposta original de Vendler.

¹² Para uma abordagem da ambigüidade dos verbos modais em português, ver Lobato (1975, 1979, 1984), Oliveira (2003b), Neves (2000) e Lunguinho (2005).

¹³ Gonçalves (1996) analisa essa relação, mostrando que o infinitivo e a preposição formam um significante descontínuo e que a preposição encabeça um Sintagma de Aspecto (AspP).

¹⁴ Agradeço a sugestão de parecerista no tocante a essa análise.

¹⁵ Essas orações só são aceitáveis caso admitamos um argumento implícito, recuperável pragmaticamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, João de. O verbo e a estrutura do discurso. *Alfa* 27, p.23-29, 1983.
- BAKER, Carl L. Learnability and the English auxiliary system. In: BAKER, C. L.; McCARTHY, J. J. (Ed.). *The Logical Problem of Language Acquisition*. Cambridge, MA: MIT Press, p. 296-323, 1981.
- BAKER, Mark. *Incorporation: A Theory of Grammatical Function Changing*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.
- BAKER, Mark, JOHNSON, Kyle; ROBERTS, Ian. Passive arguments raised. *Linguistic Inquiry* 20(2), p. 219-251, 1989.
- BOECKX, Cédric. A Minimalist View on the Passive. *University of Connecticut Working Papers in Linguistics – 2*, 1998.
- BOFF, Raquel Lucy. *Em Busca de uma Análise Sintático-Semântica para Construções com o Verbo Começar no Português Brasileiro*. 2003. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- BURZIO, Luigi. *Italian Syntax*. Dordrecht: Kluwer Academic Press, 1986.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CARDOSO, Adriana; PEREIRA, Susana. Contributos para o estudo da emergência do tempo composto em português. *Revista da Abralin* 2 (2): p. 159-181, 2003.
- CARVALHO, Orlene. *O verbo Ser na diacronia do português: três séculos em estudo*. 1992. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Brasília.
- CASTILHO, Ataliba. Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. *Alfa* 12: 7-136, 1967.
- CASTILHO, Ataliba. Ainda o aspecto verbal. *Estudos Portugueses e Africanos* 4: 9-36, 1984.
- CHOMSKY, Noam. *Syntactic Structures*. Haia: Mouton, 1957.
- CHOMSKY, Noam. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.
- CHOMSKY, Noam. *Syntactic Structures*. Haia: Mouton, 1957.
- CHOMSKY, Noam. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.

- CHOMSKY, Noam. Bare phrase structure. In: WEBELHUTH, Gert (Ed.) *Government and Binding Theory and the Minimalist Program*. Oxford: Blackwell, 1995a. p. 383-439.
- CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995b.
- CHOMSKY, Noam. Minimalist inquiries: the framework. In: MARTIN, Roger, MICHAELS, David; URIAGEREKA, Juan (Ed.). *Step by Step: Essays on Minimalist Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 2000. p. 89-155.
- CHOMSKY, Noam. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, Michael (Ed.). *Ken Hale: a Life in Language*. Cambridge, MA: MIT Press, 2001. p. 1-52.
- CHUNG, Sandra; TIMBERLAKE, Alan. Tense, aspect and mood. In: SHOPEN, Timothy (Ed.). *Language Typology and Syntactic Description. Volume III: Grammatical Categories and the Lexicon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 202-258.
- COMRIE, Bernard. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- COROA, Maria Luiza. *O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- CORSO, Sofia. *Verbos auxiliares no português brasileiro*. 2002. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.
- COSTA, Sônia. *O aspecto em português*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- CUNHA, Luís Filipe. *Semântica das predicções estativas: para uma caracterização aspectual dos estados*. 2004. Tese (Doutorado) - Universidade do Porto, Porto.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luis Filipe. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DASCAL, Marcelo. Começamos a acabar de começar? Prolegômenos para uma análise semântica de algumas perífrases verbais indicadoras de fase, em português. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 3: p. 123-186, 1982.
- DUFFLEY, Patrick. The use of infinitive and the *-ing* after verbs denoting the beginning, middle and the end of an event. *Folia Linguistica* 33(3/4): p. 294-331, 1999.
- FABB, Nigel. *Syntactic Affixation*. 1984. Tese (Doutorado) - Cambridge, MA: MIT.

FABB, Nigel. Doing affixation in the GB syntax. In: EVERAERT, Martin; EVERS, Arnold; HUYBREGTS, Riny; TOMMELEN, Mieke (Ed.). *Morphology and Modularity*. Dordrecht: Foris, 1988. p. 129-145.

FRASER, Bruce. Hedged performatives. In: COLE, Peter; MORGAL, Jerry (Ed.). *Syntax and Semantics. Volume 3: Speech Acts*. New York and London: Academic Press, 1975. p. 187-210.

GONÇALVES, Anabela. Aspectos da sintaxe dos verbos auxiliares do português europeu. In: GONÇALVES, Anabela; COLAÇO, Madalena; MIGUEL, Matilde; MÓIA, Telmo (Ed.). *Quatro Estudos em Sintaxe do Português*. Lisboa: Colibri, 1996. p. 7-51.

GUÉRON, Jacqueline. Tense construal and the argument structure of auxiliaries. In: GUÉRON, Jacqueline; LECARME, Jacqueline (Ed.). *The Syntax of Time*. Cambridge, MA: MIT Press, 2004. p. 299-328.

IATRIDOU, Sabine; ANAGNOSTOPOULOU, Elena; IZVORSKI, Roumyana. Observations about the form and the meaning of perfect. In: KENSTOWICZ, Michael (Ed.). *Ken Hale: a Life in Language*. Cambridge, MA: MIT Press, 2001. p. 189-238.

KARTUNNEN, Lauri. Possible and Must. In: KIMBALL, John (Ed.). *Syntax and Semantics. Volume I*. New York and London: Academic Press, 1972. p. 1-20.

JAEGGLI, Osvaldo. Passive. *Linguistic Inquiry* 17(4): p. 587-622, 1986.

LACA, Brenda. Romance “aspectual” periphrases: eventuality modification versus “syntactic” aspect. In: GUÉRON, Jacqueline; LECARME, Jacqueline (Ed.). *The Syntax of Time*. Cambridge, MA: MIT Press, 2004. p. 425-440.

LEVIN, Beth. *English Verbal Classes and Alternations*. Chicago: Chicago University Press, 1993.

LOBATO, Lucia M. P. *L'auxiliarité en Langue Portugaise*. 1971. Tese (Doutorado) - Université de Paris III, Paris.

LOBATO, Lucia M. P. Os verbos auxiliares em português contemporâneo: critérios de auxiliaridade. In: LOBATO, L. M. P. *et alii. Análises Lingüísticas*. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 27-91.

LOBATO, Lucia M. P. A favor da univocidade dos modais em português. *Anais do III Encontro Nacional de Lingüística*, p. 250-274, 1979.

- LOBATO, Lucia M. P. A pretensa ambigüidade dos modais portugueses e a teoria das relações temáticas. *Estudos de Semântica Aplicada ao Português*. Araraquara: UNESP, 1984. p. 147-211.
- LOBATO, Lucia M. P. *Sintaxe Gerativa do Português: da Teoria Padrão à Teoria da Regência e Ligação*. Belo Horizonte: Vigília, 1986.
- LOBATO, Lucia M. P. Sobre a forma do particípio do português e o estatuto dos traços formais. *D.E.L.T.A.* 15(1): p. 113-141, 1999.
- LONGO, Beatriz. *A auxiliaridade e a expressão do tempo em português*. 1991. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara.
- LONGO, Beatriz; CAMPOS, Odette. A auxiliaridade: perífrases de tempo e aspecto no português falado. In: ABAURRE, Maria Bernadete; RODRIGUES, Ângela (Org.). *Gramática do Português Falado. Volume VIII*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 445-477.
- LONGO, Beatriz & CAMPOS, Odette. A auxiliaridade: perífrases de tempo e aspecto no português falado. In: ABAURRE, Maria Bernadete & RODRIGUES, Ângela (orgs.) *Gramática do Português Falado. Volume VIII*. Campinas: Editora da Unicamp, p. 445-477, 2002.
- LOPES, Josmária. *Orações gerundivas adjetivas no português do Brasil*. 2004. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Brasília.
- LUNGUINHO, Marcus Vinicius. *A ordem dos verbos auxiliares: uma análise em termos de traços*. 2005. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Brasília.
- LYONS, John. *Semantics. Volume II*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub; FROTA, Sónia; MATOS, Gabriela; OLIVEIRA, Fátima; VIGÁRIO, Marina; VILLALVA, Alina. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª edição revista e aumentada. Lisboa: Caminho, 2003.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. Observações sobre a variação no uso dos verbos *ser, estar, haver, ter* no galego português ducentista. *Estudos Linguísticos e Literários* 19: p. 253-285, 1997.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

MIOTO, Carlos; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; LOPES, Ruth. *Novo Manual de Sintaxe*. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

MOUTELLA, Manuela. *O gerúndio oracional em português*. 1995. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Brasília.

NEVES, Maria Helena de Moura. A modalidade. In: KOCH, Ingedore (Org.). *Gramática do português falado. Volume VI*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 163-199.

NEVES, Maria Helena de Moura. A polissemia dos verbos modais. Ou: falando de ambigüidades. *Alfa* 44: p. 115-145, 2000.

NUNES, Jairo. Relatizing Case Theory. In: HARGUS, Sharon; McMENAMIN, Gerald; SAMIIAN, Vida (Ed.). *Proceedings of the 23rd Western Conference on Linguistics*. Fresno: California State University, 1994a. p. 335-347.

NUNES, Jairo. Concordância de particípio em Lituano. *Letras de Hoje* 29(2): p. 59-83, 1994b.

OLIVEIRA, Fátima; CUNHA, Luis Filipe; MATOS, Sérgio; GONÇALVES, Anabela. Verbos de operação aspectual em PE e em PB: semântica e sintaxe. *Boletim da Abralin* volume 26 (número especial I): p. 380-385, 2001.

OLIVEIRA, Fátima. Tempo e aspecto. In: MATEUS, Maria Helena Mira *et alii* *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003a. p. 127-178.

OLIVEIRA, Fátima. Modo e modalidade. In: MATEUS, Maria Helena Mira *et alii*. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003b. p. 243-272.

PALMER, Frank. *Mood and Modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PIMENTA-BUENO, Mariza. *Aspects of Verbal Syntax in Brazilian Portuguese within the Framework of the Extended Theory of Grammar*. 1983. Tese (Doutorado) - Stanford University, Stanford.

PIRES, Acrísio. *As formas V-DO do português do Brasil: características sintáticas e semânticas*. 1996. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Brasília.

POTTIER, Bernard. Sobre el concepto de verbo auxiliar. In: POTTIER, Bernard *Lingüística Moderna e Filología Hispânica*. Madrid: Gredos, 1968. p. 194-202.

PONTES, Eunice. *Estrutura do Verbo no Português Coloquial*. Petrópolis: Vozes, 1972.

PULLUM, Geoffrey; WILSON, Deirdre. Autonomous syntax and the analysis of auxiliaries. *Language* 53(4): p. 741-788, 1977.

RAPOSO, Eduardo. Prepositional infinitival constructions in European Portuguese. In: JAEGGLI, Osvaldo; SAFIR, Kenneth (Ed.). *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1989. p. 277-305.

RIBEIRO, Ilza. A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas *ter, haver e ser*. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (Org.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 343-386.

ROBERTS, Ian. *The Representation of Implicit and Dethematized Subjects*. Dordrecht: Foris, 1987.

ROBERTS, Ian. *Verbs and Diachronic Syntax*. Dordrecht: Foris, 1993.

ROCHETTE, Anne. *Semantic and Syntactic Aspects of Romance Sentential Complementation*. 1988. Tese (Doutorado) - MIT, Cambridge, MA.

ROCHETTE, Anne. A propos des restrictions de sélection de type aspectuel dans les complétives infinitives du français. *Langue Française* 100: p. 67-82, 1993.

ROCHETTE, Anne. The selection properties of aspectual verbs. In: JOHNSON, K.; ROBERTS, I. (Ed.). *Beyond Principles and Parameters*. Dordrecht: Kluwer, 1999. p. 145-165.

SMITH, Carlota. *The Parameter of Aspect*. Dordrecht: Kluwer Academic Press, 1991.

STOWELL, Tim. Tense and Modals. In: GUÉRON, Jacqueline; LECARME, Jacqueline (Ed.). *The Syntax of Time*. Cambridge, MA: MIT Press, 2004. p. 621-635.

SVENONIUS, Peter. C-selection as a feature checking. *Studia Linguistica* 48(2): p. 133-155, 1994.

TALMY, Leonard. Lexicalization patterns: semantic structures in lexical forms. In: SHOPEN, Timothy (Ed.). *Language Typology and Syntactic Description. Volume III: Grammatical Categories and the Lexicon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 57-149.

TENNY, Carol; PUSTEJOVSKY, James. A history of events in linguistic theory. In: TENNY, Carol; PUSTEJOVSKY, James (Ed.). *Events as Grammatical Objects*. Stanford: CSLI Publications, 2000. p. 3-38.

TER MEULEN, Alice. *Representing Time in Natural Language*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua Expressão*. 2ª edição revista. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 1985.

VENDLER, Zeno. *Linguistics in Philosophy*. Ithaca: Cornell University Press, 1967.

VERKUYL, Henk. *A Theory of Aspectuality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. *As leituras aspectuais da forma do progressivo do português brasileiro*. 2003. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. *O aspecto do auxiliar*, manuscrito, 2005.